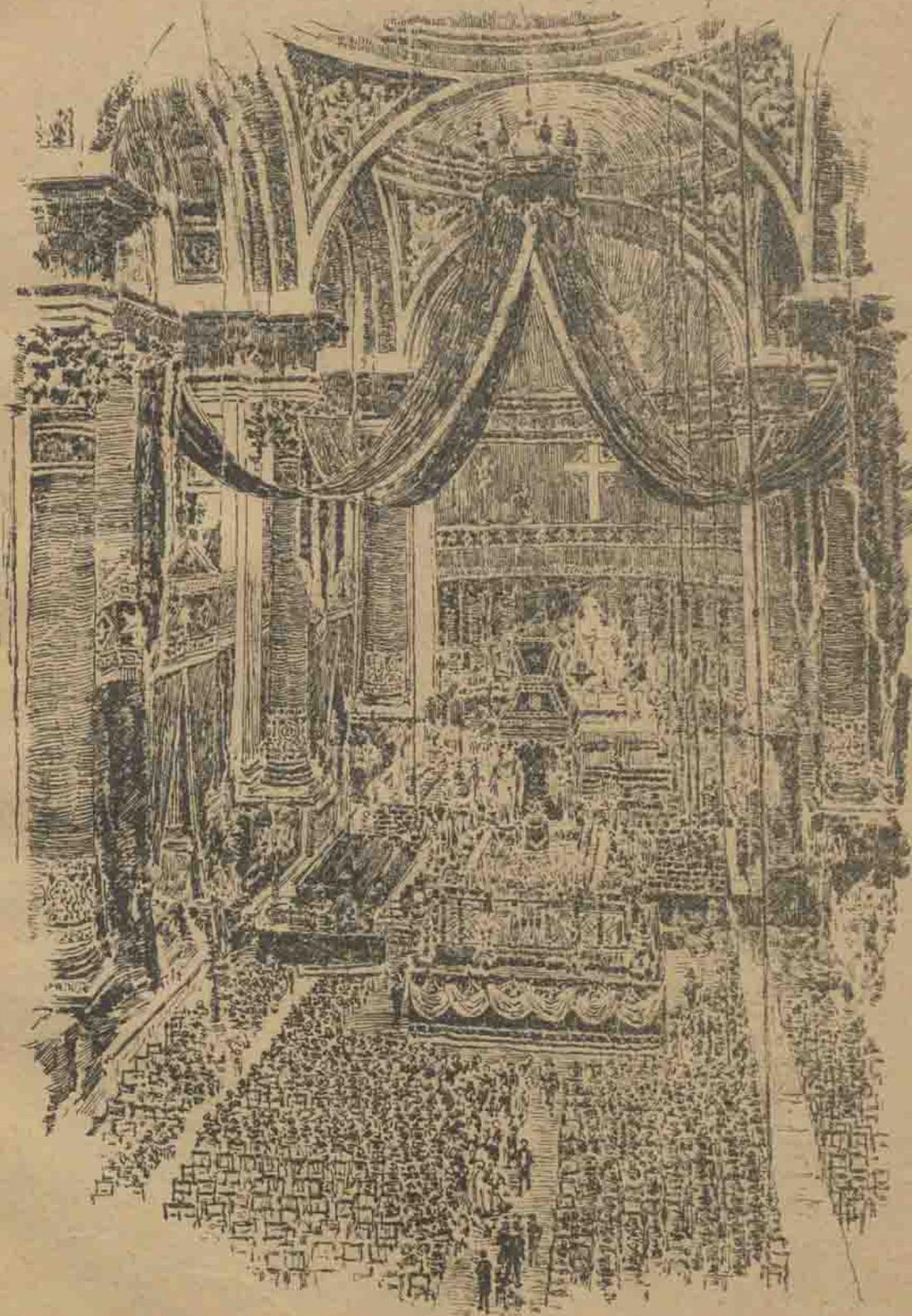


As exequias d'el-rei D. Luiz em Paris

CROQUIS DO INTERIOR DA IGREJA DA MAGDALENA



As exequias d'el-rei D. Luiz em Paris revestiram um tal caracter de sumptuosidade e constituiram um espectáculo decorativo tão interessante, que a este semanario artistico estava naturalmente indicado o dever de reproduzir o aspecto interior do templo da Magdalena, onde os suffragios se celebravam, por iniciativa da legação portugueza.

Por ahí...

EM S. CARLOS



Papo feito, bem jantados,
De humor alegre e satyrico.
Em *fautouils* repimpados,
Vamos passar uns bocados
Da noite ao theatro lyrico.

Lorgnon incisivo aponta
Ao longo d'essas coxias:
De typos de toda a conta
Verás que bella remonta
P'ra as nossas caudelarias...



Além, á frente, da esquerda,
Destaca, entre varios sucios,
Um sabio — o doutor Lacerda —
Que o talento e o saber herda
Dos Platões e dos Confucios.

Sabensa como elle encerra
Nem Pasteur no craneo tem!
Muito lhe deve esta terra!
—E, p'la gente que ella enterra,
Mais lhe deve a terra mãe...



Outro typo de encomenda
O ex-tendeiro Nicolau:
Traz casaca, usa commenda,
Mas talvez inda rescenda,
Na camisa, a boçalhau.

Após trinta annos, sem oculos,
De trabalho noite e dia,
Affastou-se dos negocios,
Largou firma, largou socios,
Embicou p'ra a fidalguia.

Do trabalho o viver atro
Deixou n'um grande consolo:
Anda em bailes, no theatro,
Tem *Pepa*... o diabo a quatro
Que lhe dá volta ao miolo!

Mas n'estes gosos, que a esmo
Vem colher nas op'ras finas,
O miolo qual torresmo,
Não chega a entender nem mesmo
...De pernas de bailarinas!

Quando um Masini, um Gayarre,
Dá de peito o raro dó,
Nicolau diz: — *É bécarre!*
—Mas, baixinho, solta um sarre!
Com saudades do Dallot!



Tens além, n'um camerote,
A formosa viscondessa,
Que nas barbas do consorte
Aceitando vas a corte
D'este, aquelle—o que aconteça.

Toca piano e traateia
Umás canções, uns motetos:
D'esta fórma, volta e meia,
Tem cantor's—dos de mão cheia—
P'ra acompanhál-a em ductos.

Mas, visinhos atrevidos
Da fidalga e honesta dama,
Dizem chegar-lhe aos ouvidos
Que os ductos mais sentidos
Se ouvem no quarto da cama.

Por ahí...

A CORISTA GORDA

A corista gorda, essa antiga figurante que muitas vezes illustrou com o seu enorme corpanzil as paginas alegres do *Antonio Maria* e dos *Pontos nos ii*, e que Lisboa toda se habituou a ver no paleo de S. Carlos, durante annos successivos, está doente e n'uma situação precaria.

Este semanario contrahiu com ella uma divida. Tendo-nos ajudado a fazer rir, é justo que a ajudemos a viver, agora que o infortunio a collocou fora dos nossos gracejos e dentro do nosso respeito.

Os *Pontos nos ii* abrem hoje uma subscrição em favor da antiga corista de S. Carlos.

Pontos nos ii 1000000

A FAMILIA IMPERIAL

Como partiu e como chegou.—A nossa reportagem



Segundo affirmam os jornaes, e suas magestades e altezas dão lê, o mar estava picado, o que pareceu ao sr. conde d'Eu uma cavillosa revolta dos elementos contra o systema nervoso monarchico-representativo, e a senhora condessa... uma espiga.

Ao deixar terras brasileiras e quando o *Alagôas* singrava o mar, ahí pelas alturas de Fernando Pó, sua magestade o imperador convocando toda a sua imperial familia para a tolda do vapor, pronunciou em tom plangente, este memoravel arrazoado:

—Minha esposa, minha filha, meu genro, meus netos: faltaria a um dos mais sagrados deveres, si, não viesse publicamente testemunhar a saudade com que me separo do meu e nosso amado Brazil. Preparem-se que ahí vai pomba.



E com os olhos rasos d'agua, o imperador tirou debaixo do sobretudo, tão peritamente, como o faria o prestimano Hermann, um pombo mariola. Depois, atando-lhe ao pescoço, com uma fita verde e amarella, meia folha de papel Tojal (marca pequena) com estes dizeres: «Amor e saudade eterna», sua magestade largou a ave, que logo abriu as azas e demandou anciadamente as terras brasileiras.

A commoção tocava o seu auge: quando n'isto, sua magestade a imperatriz, illuminada de um clarão quasi divino, viu — o que se chama ver — esta scena extranha n'uma nevoa de sonho. O pombo. — e não pomba, como lhe chamaram os jornaes — chegara ao seu destino, e, como o de Noé, entrara no seio do governo provisorio. Logo ao vê-lo, o general Deodoro exclamou:

—Este pombo traz agua no bico!



Despertando d'este como que horrivel pesadello, sua magestade voltou-se para seu augusto esposo e, não como uma pessoa imperial, mas como uma personagem biblica, contou-lhe em palavras repassadas de amargura o que sua visão lhe deixara entrever.

—Meu Deus! exclamou D. Pedro. E meu bilhete? Meu pensamento litterario? Joia di meu espirito, pontada di meu coração?

—Aí de nós! replicou D. Thereza. Governo provisorio não leu elle!



—Vê, D. Thereza, concluiu sua magestade, meu pensamento foi canto di cysne. Quebrou-se minha

O 3.º ACTO DA MASCOTTE.



RAFAEL BORDALLO PINHEIRO

De Piombino, onde no paço
 Tinha a sua habitação
 Um macaco... ai ceus que passo
 Fugiu a passo de cão.

Esse bicho espantadiço
 Fama tem de ser feroz
 E o indígena por isso...
 Diz então com medo atroz:

Ai p'ra tua, não vou não
 Que anda solto o macacão
 Simão!
 Não, ninguém tema o macacão
 Não ninguém tema dis
 Não, ninguém tema o macacão
 Que há-de deitar-lhe a mão.
 Não...

penna. Brasileiros comem canja. Litteratura não vale nada...

Foi este o unico incidente importante da viagem. O outro a que se referiram os jornaes e segundo o qual o principe D. Pedro tivera um accesso de febre ao ver um machinista de bordo limpar uma espingarda de dois canos, é absolutamente falso. N'um *interview* que se dignou conceder-nos, sua alteza affirmou-nos sob a sua palavra d'honra, que a espingarda era uma caçarola.



Da chegada a Lisboa, os jornaes omittiram, apesar da sua minuciosa *reportage*, um pormenor, que se nos affigura dar a nota exacta do caracter de D. Pedro II e dos seus aspectos tradicionalmente familiares. Foi o caso que, lobrigando sua magestade o imperador, do alto do tombadilho do *Alagôas*, um cavalheiro ainda joven a bordo d'um rebocador, dos muitos que conduziram aquelle vapor, os amigos fieis do soberano desthronado, exclamou jubiloso, acenando com os braços:

—Adeus! Viva! Passe muito bem! Como vai pa-pai? Como está D. Carlolina?



Tão discretos e affectuosos dizeres impressionaram-nos em termos taes que não hesitamos em averiguar quem fosse D. Carlolina, já sob o ponto de vista constitucional e nas suas relações com a Carta, já sob o ponto de vista psychico-representativo, nas suas relações com as familias. Baldados, porém, foram nossos esforços. O segredo d'este personagem — D. Carlolina — não nos foi facultado nem por alguma das pessoas imperiaes, nem pelas do seu sequito, as quaes guardaram a tal respeito uma absoluta reserva.

O incidente, porém, não cahiu em sacco roto. Elle nos prova como um monarcha verdadeiramente democrata pôde ser do mesmo passo e sem sahir dos limites da Constituição, um simples passageiro do *Alagôas* e um imperador com ajuda de custo.

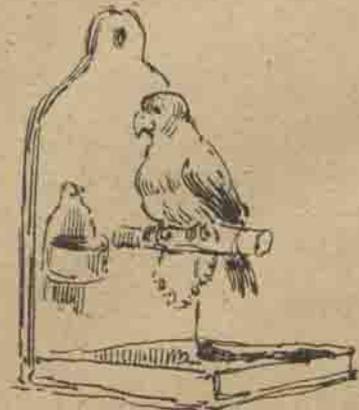
Dos incidentes do desembarque, colhemos apenas estas notas:

Tomaram logar na galeota real, paredes e meia com el-rei D. Carlos, que trajava uma bem talhada farda de almirante, além das pessoas imperiaes, os seguintes objectos:

Um creado do imperador.



Um papagaio da princeza,

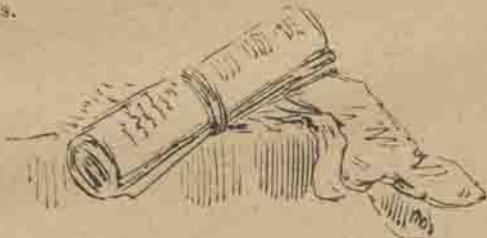


Uma collecção do jornal—O Paiz.



Uma escrevaninha de couro da Russia, com a pena com que sua magestade o imperador assignou o seu adeus ao Brazil, no memoravel dia 16 de novembro.

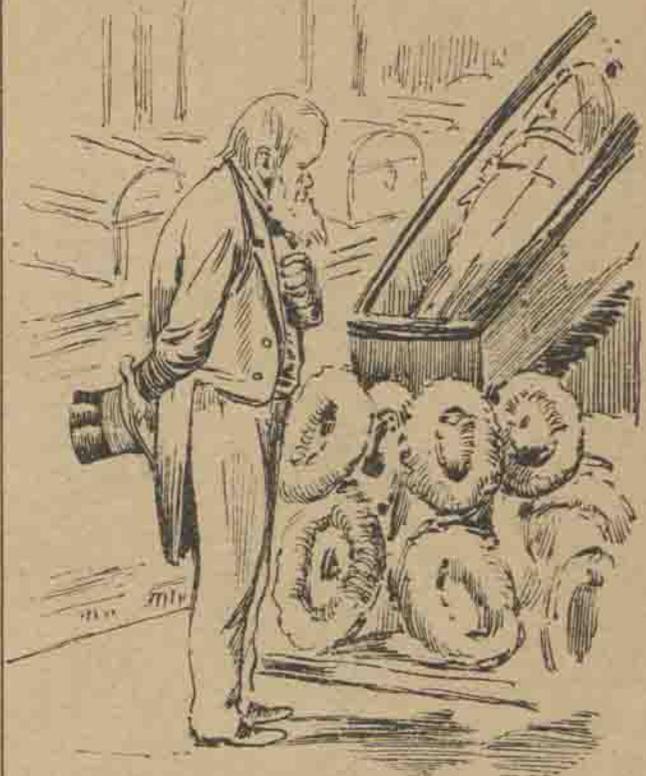
Uma poesia do sr. Jayme Victor.
Um pensamento de Quintino Bocayuva.
Um rolo de sonetos em bom uso e algumas piugas.



Chegado ao hotel Bragança, sua magestade o imperador deu-se pressa em visitar a sr.^a condessa d'Edla, depois do que—informa o *Correio da Manhã*—mandou comprar um par de chinellos d'ourello, *porém largos*. Tendo-os calçado e reconhecendo com mal contida satisfação que estavam folgados, sua magestade sentou-se a meditar no nada das grandezas humanas, ao lado da sua ex-córda, que, tendo escapado a furia das multidoes jacobinas do largo do Paço, se mais uma vez subtrahir-se á injuria da poeira do exilio, graças á sollicitude de um amigo que se apressara em mettel-a debaixo de uma rodoma.



Dentro de S. Vicente de Fóra, como diria o immortal poeta Guerra Junqueiro, sua magestade teve este pensamento inedito:



—Ja sei, ja sei que morreste... Consola-te... Antes rei morto que imperador reformado...

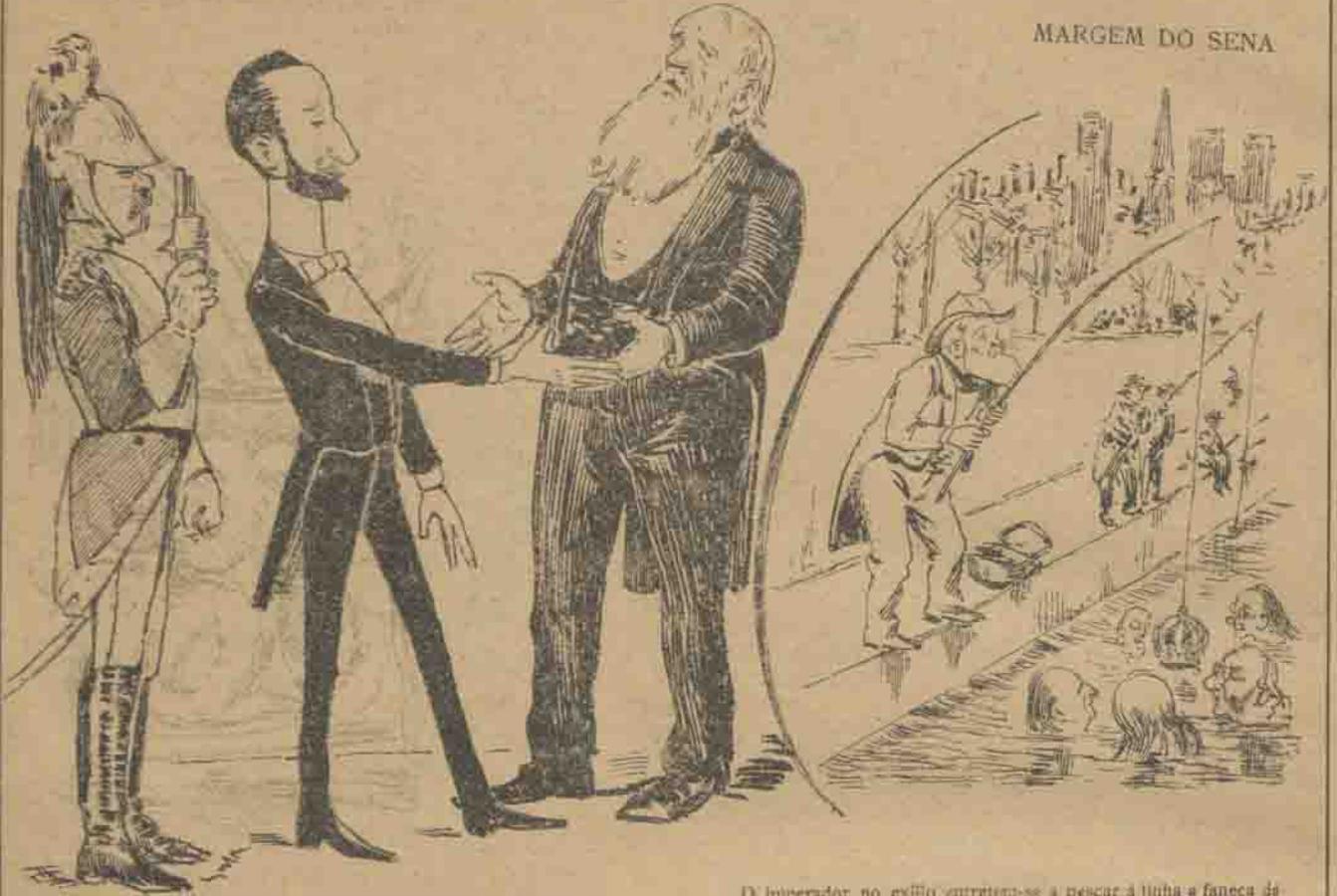
A' hora do nosso jornal entrar na machina, sua magestade o imperador está ainda na Escola Polytechnica ouvindo discretar o sr. Moraes d'Almeida sobre as influencias do calculo differencial nos regimens dynasticos

LIAM RISOIA.



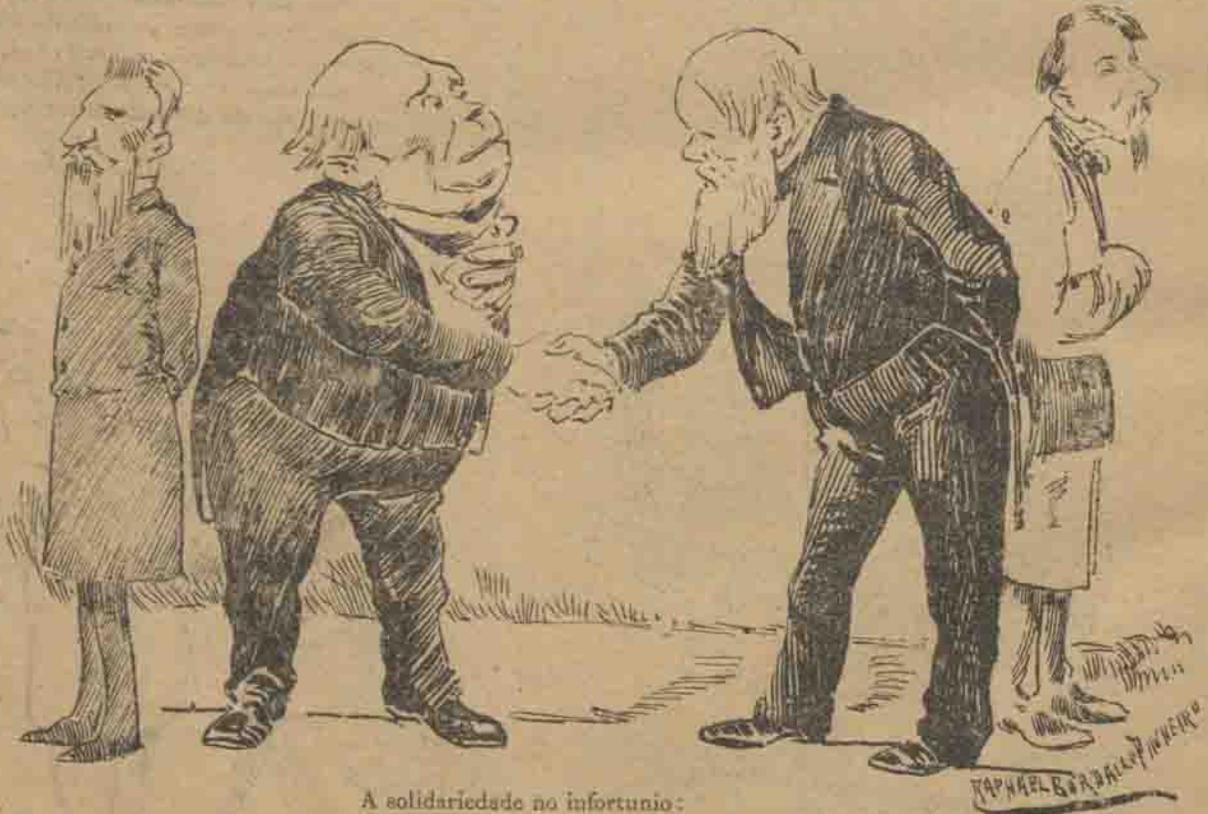
EM PARIS

MARGEM DO SENA



—Você seu presidente é que é o verdadeiro imperador. Eu sou um imperador *degommé*, não lhe parece?

O imperador no exílio entretém-se a pescar à linha a faneca de *aranda*, que corre pressurosa para o touchinho com que sua magestade jardesa o anzol da sua corôa.



A solidariedade no infortunio:

O sr. Grévy—Ahl quel malheur d'avoir un gendre!

O imperador—Já sei! Já sei.

RAPHAEL B. A. DE OLIVEIRA